

AMARE HUMANUM EST

Pedro Cordeiro, Adolescente de 15 anos, in Revista Pais & Filhos, n.º 73.

Sabem que é estar apaixonado? Não... não se riam... Sabem ou não? Não? Eu também não! Ou pelo menos, se sim não sei descrever. Pedro Abrunhosa diz que ao amor é “essa palavra que me mata, me corta como uma faca”, os Sitiados acham que “o amor somos nós”, Luís Vaz de Camões dizia que “o amor é fogo que arde sem se ver”, Vinícius de Moraes que “ ao amor é o carinho, é um espinho que não se vê em cada flor”(…) e os Beatles cantam que “all you need is love”. Se calhar o amor é isso tudo, se calhar não é nada disto... tudo depende das interpretações que se lhe der, e podem ser muitas.

Há uma série de sintomas que indicam que uma pessoa está apaixonada. Também há diagnósticos e tratamentos possíveis. O quê? Acham que estou a ficar demasiado científico?... o que dá uma pessoa da área da Saúde a escrever sobre o amor... se calhar uma pessoa da área de Design pintava um quadro ao amor, os de Economia faziam um plano poupança-amor, os de Humanidades estudariam as origens latinas do amor e os de Electrotecnia construía um aparelho para o medir. Felizmente nada disto acontece, porque o amor é universal e a área profissional não é para aqui chamada.

O amor pode ser dirigido à família ou aos amigos, mas eu falo de outra coisa. Há o amor por “aquela boazona” ou por “aquele borracho”, que nem se quer sabem que nós existimos ou, mais frequentemente e com mais possibilidades de sucesso, “os amores de estudante” por uma amiga ou uma amiga especial, alguém que se conhece bem e que se gostaria de conhecer melhor... Há uma série de sintomas que indicam que um tipo está apaixonado. (...) O olhar divagante a procurá-la nos recreios, mesmo sem querer, as notas a descerem, ligara menos aos amigos, descobrir o número de telefone dela secretamente e nunca ter coragem suficiente para telefonar. (...) O amor é uma coisa que traz sempre dúvidas e ansiedades. A altura do “digo-lhe ou não? quando? onde? como? ela se calhar até gosta de outro..talvez não! Vou dizer-lhe..não. não tenho lata. Se ela conta às amigas ainda gozam mais comigo... Se ela anda com outro, acho que nunca mais posso olhá-la na cara! Se calhar até resultava, ela e eu... ah, quem é que eu estou a querer enganar?!, não há hipótese...”

Voltando à “patologia” do amor, a terapêutica é muito variável. Muitos recorrem aos amigos, esses antibióticos contra todos os males, que funcionam quase sempre. Atenção aos “efeitos secundários”: há (há?) um ditado que diz que o maior trouxa é o que apresenta o seu melhor amigo à sua melhor amiga. Olhem que criar triângulos amorosos é meter-se em situações de risco e não há vacinas...o amor é, de todo viral, inesperado e contagioso.

Se a cura não vier com o tempo, com um “sim” miraculoso, há duas maneiras: ou nos curamos sozinhos, partindo para outra ou aceitamos a doença que passa a ser crónica.... Felizmente amar não mata, pelo contrário, é das melhores coisas do mundo. Dá estímulo à arte, pintura, escultura, prosa, poesia, e tanto mais...(…)

De qualquer modo, lembrem-se que uma vez curados é improvável que seja para sempre: a cura não dá imunidade e ainda bem. O amor é vicioso, malicioso, traiçoeiro, magnífico! Quem não ama, não vive..

Em nome de todo os apaixonados do Mundo, não percamos a esperança. Eles e elas ainda podem ser contagiados pela febre do amor. Keep on trying!

Pedro Cordeiro, Adolescente de 15 anos, in Revista Pais & Filhos, n.º 73.